

Há vinte anos, quando cheguei às planícies, abri bem os olhos. Procurei na paisagem o que parecesse sugerir algum significado elaborado por detrás das aparências.

A minha viagem às planícies foi muito menos árdua do que viria a descrevê-la posteriormente. E nem sequer posso dizer que, a dado momento, tenha tido consciência de ter deixado a Austrália. Recordo, porém, claramente, uma sucessão de dias em que as terras planas em meu redor me pareciam, cada vez mais, um sítio que só eu poderia interpretar.

As planícies que atravesssei nesses dias não eram invariavelmente idênticas. Aqui e ali deparava-se-me um grande vale pouco profundo, com árvores dispersas e gado indolente e, porventura, um estreito curso de água a correr pelo centro. Outras vezes, ao fim de uma extensão de território completamente inóspita, a estrada erguia-se para aquilo que era, indubitavelmente, uma colina, da qual vislumbrava apenas outra planície, lisa e deserta e intimidante.

Na grande cidade aonde cheguei certa tarde, reparei num modo de falar e de vestir que me persuadiu de que já percorreria caminho suficiente. As pessoas ali não eram bem a típica gente das planícies que eu esperava encontrar nas regiões centrais mais remotas, mas agradou-me saber que tinha pela frente ainda mais planícies do que aquelas que já atravessara.

Nessa noite, já tarde, da janela do meu quarto no terceiro piso do maior hotel da cidade, o meu olhar alongou-se para lá do padrão regular de luzes, até ao território mais adiante, envolto pela escuridão. Soprava uma brisa de norte em rajadas mornas. Inclinei-me, sentindo as vagas de ar que se erguiam dos quilómetros de pradaria mais próximos. Compus o rosto para registar uma variedade de emoções fortes. E murmurei palavras que poderiam ter sido proferidas pela personagem de um filme, ao compreender que encontrara o lugar aonde pertencia. Depois voltei para dentro e sentei-me à secretária que tinham lá posto especialmente a meu pedido.

Desfizera as malas horas antes. Já tinha a secretária coberta de pastas com folhas de apontamentos, caixas de cartões e um sortido de livros com bilhetes numerados entre as páginas. No cimo da pilha, um livro-mestre de tamanho médio, com uma etiqueta:

O INTERIOR

(GUIÃO PARA FILME)

CHAVE MESTRA PARA

CATÁLOGO DE NOTAS DE ENQUADRAMENTO E

MATERIAL DE INSPIRAÇÃO

Puxei uma pasta gorda rotulada *Pensamentos Soltos — Por Catalogar* e escrevi:

Não há vivalma nesta região que saiba quem sou ou o que venho aqui fazer. É curioso pensar que, de todas as gentes das planícies que agora dormem (em casas térreas revestidas a tábuas brancas, com telhados de chapa vermelha e grandes jardins áridos, dominados por pimenteiras e *kurrajongs* e filas de tamargueiras), nenhuma contemplou o panorama das planícies que em breve revelarei.

Passei o dia seguinte entre os labirintos de bares ao estilo *saloon* e salas de estar no piso térreo do hotel. Fiquei toda a manhã, sozinho, afundado numa poltrona de pele, a ver as orlas de sol insuportável que emolduravam as persianas fechadas, nas

janelas viradas para a rua principal. Era um dia límpido, no princípio do verão, e a luz impiedosa da manhã infiltrava-se até mesmo na cavernosa varanda do hotel.

De vez em quando, levantava ligeiramente o rosto para apanhar a corrente de ar mais fresco de uma ventoinha de teto, via a condensação formar-se no meu copo e pensava com aprovação nos extremos meteorológicos que assolavam as planícies. Sem colinas nem montanhas que o travassem, o sol no verão ocupava toda a extensão do território, desde a aurora ao anoitecer. E, no inverno, os ventos e aguaceiros que varriam os grandes espaços abertos mal titubeavam perante os poucos aglomerados de madeiras que pretendiam servir de abrigo a homens ou animais. Eu sabia que havia grandes planícies no mundo que passavam meses debaixo de neve, mas fiquei contente por aquela região não ser uma delas. Preferia de longe, durante todo o ano, a verdadeira configuração da própria terra, e não as falsas elevações e depressões de um qualquer outro elemento. Fosse como fosse, pensava na neve (que nunca vira) como uma parte demasiado integrante da cultura europeia e americana para ser adequada à minha região.

À tarde, juntei-me a um dos grupos de homens locais que entravam, vindos da rua principal, e se sentavam nos sítios habituais ao longo dos compridos balcões. Escolhi um grupo que me pareceu incluir intelectuais e guardiões da história e dos costumes da região. Depreendi pela sua vestimenta e porte que não eram pastores de ovelhas nem criadores de gado, ainda que passassem provavelmente boa parte do tempo ao ar livre. Alguns teriam, porventura, iniciado a vida como filhos mais novos de grandes famílias proprietárias de terras. (Nas planícies, toda a gente devia a sua prosperidade à terra. Cada cidade, grande ou pequena, era sustentada pela riqueza infundável dos latifúndios que a rodeavam.) Todos se vestiam ao estilo da classe mais culta e ociosa das planícies: calças cinzentas simples, com vincos marcados, e camisa branca imaculada, com o alfinete de gravata e braçadeiras a combinar.

Eu estava ansioso por ser aceite por esses homens, e preparado para qualquer teste que me quisessem apresentar. Contudo, não esperava que para tal me valesse de alguma coisa o que lera nos meus muitos livros sobre as planícies. Citar obras de literatura iria contra o espírito daquela reunião, ainda que todos os homens ali presentes tivessem decerto lido qualquer livro que eu pudesse mencionar. Quiçá por se sentirem ainda cingidos pela Austrália, os homens das planícies preferiam encarar as suas leituras como um exercício privado que os apoiava nas interações públicas, mas não os isentava da obrigação de cultivar uma tradição partilhada.

Porém, que tradição era essa? Ao ouvir os homens das planícies, fiquei com a sensação desconcertante de que eles não queriam ter uma crença comum na qual se refugiar: todos ficavam pouco à vontade se outro parecia tomar como certo para si algo que o próprio atribuía às planícies no seu todo. Parecia que cada um queria mostrar-se como único habitante de uma região que somente ele seria capaz de explicar. E, mesmo quando um dos homens falava da sua planície em particular, parecia escolher as palavras como se até as mais simples não proviessem de um vocabulário comum, mas fossem buscar o seu significado à utilização peculiar que o orador delas fazia.

Nessa primeira tarde, vi que aquilo que por vezes se descrevia como a arrogância da gente das planícies não era mais do que uma relutância em reconhecer qualquer afinidade entre si e os outros. Era precisamente o oposto (como eles próprios sabiam) da ânsia, comum entre os australianos dessa época, de pôr ênfase naquilo que pareciam partilhar com outras culturas. Um homem das planícies não só se afirmaria ignorante dos costumes de outras regiões, como se mostrava deliberadamente equivocado quanto a elas. De forma muito irritante para qualquer forasteiro, preferiam fingir-se desprovidos de qualquer cultura que os distinguisse a permitirem que a sua terra e os seus costumes fossem considerados parte de uma comunidade mais vasta de gostos ou modas contagiosas.

*

Mantive-me pelo hotel, mas quase todos os dias bebia com um grupo novo. Apesar dos muitos apontamentos que tirava, e de todos os planos e esboços que delineava, ainda não fazia sequer uma ideia daquilo que o meu filme retrataria. Esperava que me fosse concedida alguma súbita determinação inabalável ao conhecer um homem das planícies cuja perfeita confiança só poderia advir de ter, nesse mesmo dia, concluído a última página dos seus apontamentos para um romance ou filme que rivalizaria com o meu.

Por essa altura, já começara a falar abertamente em frente dos homens das planícies que conhecia. Alguns queriam ouvir a minha história antes de divulgarem a sua. Estava preparado para isso. Estava preparado, ainda que eles não o soubessem, para passar meses em estudo silencioso pelas bibliotecas e galerias de arte da cidade, de modo a provar-lhes que não era um mero turista que ali viera só ver as vistas. Porém, passados alguns dias no hotel, já tinha formulado uma história adequada aos meus intuitos.

Disse aos homens das planícies que andava numa viagem, o que não deixava de ser verdade. Não lhes contei qual o caminho que me trouxera à cidade, nem a direção que seguiria depois. Saberiam a verdade quando *O Interior* aparecesse como filme. Entretanto, deixei que pensassem que eu iniciara a minha viagem num canto distante das planícies. E, tal como esperava, ninguém duvidou de mim nem sequer alegou conhecer a região que eu mencionara. As planícies eram tão imensas que nenhum dos locais ficava surpreendido ao ouvir dizer que abrangiam outra região que nunca haviam visto. Ademais, muitas zonas no interior distante eram alvo de disputa: fariam parte das planícies ou não? Nunca houvera consenso quanto à verdadeira extensão das planícies.

Contei-lhes uma história quase totalmente desprovida de acontecimentos ou proezas. Quem não fosse dali não a teria